



2006



2007



2007

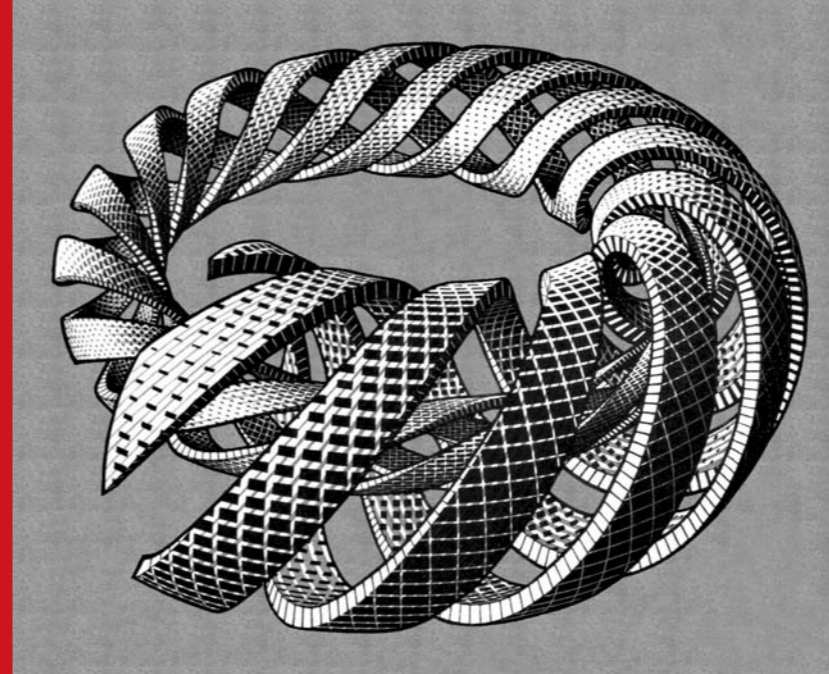


2008

Jairo Gerbase  
*Organizador*

CONFERÊNCIAS  
SUPEREU E CULPA  
SUPEREU E IDENTIFICAÇÃO  
AVATARES DO SUPEREU  
CLÍNICA DO SUPEREU  
ANALISE

AVATARES  
DO SUPEREU



Jairo Gerbase *(Organizador)*

AVATARES  
DO SUPEREU

ISBN 978-85-89388-06-1



9 788589 388061

CAMPO  
PSICANALÍTICO



2002



2003



2004



2005

## AVATARES DO SUPEREU

**CONFERÊNCIAS**

**SUPEREU E CULPA**

**SUPEREU E IDENTIFICAÇÃO**

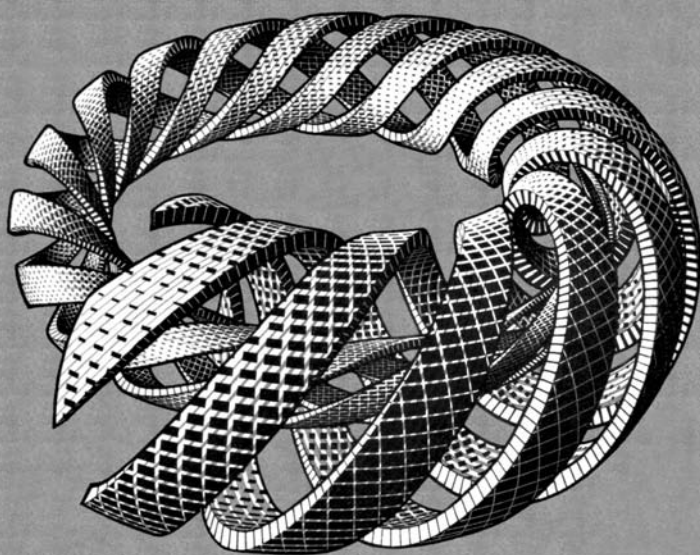
**AVATARES DO SUPEREU**

**CLÍNICA DO SUPEREU**

**ANALISE**

Outubro de 2008  
Salvador - Bahia

Jairo Gerbase (*Organizador*)



# AVATARES DO SUPEREU



in memoriam  
Emilio Marco Rodrigué  
*1923 – 2008*

© 2008, Associação Científica Campo Psicanalítico

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta coletânea poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

### AVATARES DO SUPEREU

Publicação da Associação Científica Campo Psicanalítico  
Rua Humberto de Campos 144  
Centro Médico da Graça, sala 901, Graça  
CEP. 40150-130 Salvador Bahia Brasil  
Tel/Fax (71) 3245-5681  
accp@campopsicanalítico.com.br  
www.campopsicanalítico.com.br

### Diretoria da Associação Científica Campo Psicanalítico

Diretora: *Soraya Carvalho*  
Secretária: *Sonia Magalhães*  
Tesoureiro: *Gerson Pereira*

### Comissão Editorial

*Jairo Gerbase, Ubirajara Cardoso, José Antonio Pereira da Silva*

### Edição Gráfica

*2designers@uol.com.br*

### Revisão

*Solange Mendes da Fonsêca*

### Capa

Maurits Cornelis Escher, 1898-1972. Espirais, entalhe em madeira, prova de duas matrizes, 1953, 27 x 33,5 cm. Quatro tiras em espiral enrolam-se, formando um tubo arqueado, como um toro que se adelgaça cada vez mais e, voltando ao ponto de partida, penetra em si mesmo e, pela segunda vez, começa a sua circulação. © 1994 Benedikt Taschen Verlag.

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa – UFBA

---

Avatares do supereu / Jairo Gerbase (organizador). - Salvador : Campo  
Psicanalítico, 2008.  
318 p.

ISBN 978-85-89388-06-1

1 . Superego. 2. Psicanálise. 3. Ego (Psicologia). 4. Consciência (Ética).  
5. Psicanálise lacanianiana. I. Gerbase, Jairo.

---

CDD - 154.22

**Apresentação, 9**

*Jairo Gerbase*

**CONFERÊNCIAS**

**Avatares da eficácia da psicanálise: a Reação Terapêutica Negativa, 17**

*Dominique Fingermann*

**O boato do Supereu, 25**

*Jairo Gerbase*

**SUPEREU E CULPA**

**Pecado, sacrifício e crueldade, 33**

*Sonia Campos Magalhães*

**O projeto de 1895 e as perturbações do pensar, 43**

*Elaine Foguel*

**Morte e culpa: uma relação de parceria, 53**

*Ana Emília Rosa Campos*

**Imperativo superegóico e culpa na clínica, 60**

*Célia Fiamenghi*

**SUPEREU E IDENTIFICAÇÃO**

**Supereu e identificação, 64**

*Simey Soeiro*

**Nomear-se, 73**

*Vera Edington*

**Filiação e adoção, 83**

*Vitória A. Cabral*

**Psicose e família, 88**

*Maria da Conceição Almeida Vita*

**Aimée: supereu e causalidade psíquica, 94**

*Andréa Hortélio Fernandes*

**Supereu, Ideal do Eu e Consciência moral, 107**

*Carlos Caires*

**Supereu: a propósito dos que fracassam ao triunfar, 114**

*Olga Sá Ferreira*

**Identificação e RSI, 123**

*Juliana Campos*

**AVATARES DO SUPEREU**

**Imperativos de gozo do supereu, 134**

*Angélica Teixeira*



**Os avatares do supereu na clínica contemporânea, 148**

*Aurélio Souza*

**O cliente sem culpa e a culpa do analista, 162**

*Carlos Pinto Corrêa*

**Que culpa tem o eu...?, 167**

*Cibele Prado Barbieri*

**Supereu e RSI, 183**

*Marcus do Rio Teixeira*

**Crimes do supereu: carência, impotência e deficiência do pai, 189**

*Vêra Motta*

#### CLÍNICA DO SUPEREU

**O supereu reluta a perda da inocência, 198**

*Clarice Gatto*

**Masochismo e supereu, 209**

*Ida Freitas*

**A culpa na melancolia, 215**

*Soraya Carvalho*

**Um objeto vociferador, 233**

*Jamile Abdala*

**Efeitos da culpa na inibição, no sintoma e na angústia, 239**

*José Antonio Pereira da Silva*

**Masochismo e reação terapêutica negativa, 247**

*Ângela Diniz Costa*

#### ANÁLISE

**O complexo de Édipo de Freud a Lacan, 255**

*Christianni Mattoso Amizô Matos*

**Fracasso escolar: uma posição subjetiva, 269**

*Thaine Mendes Araújo*

**Há constituição do sujeito na psicose?, 276**

*Flávio Câmara*

**A função do analista no dispositivo da clínica com o bebê, 281**

*Caroline Sampaio Mata*

**Embaraço na escolha objetal, 290**

*Alba Aguiar*

**A escarificação e a histeria, 295**

*Maria Manoella Verde Jatobá*

**As incidências do Outro na clínica: o ciúme, 304**

*Gêrson Luis Marinbo Pereira*

## Apresentação

**A**vatares do supereu. Com este tema, o Campo Psicanalítico, que é a Formação Clínica do Campo Lacaniano na Bahia, em Salvador e Ilhéus/Itabuna, desenvolveu estudos e pesquisas que desembocaram na VII Jornada do Campo Psicanalítico, que teve lugar em Salvador, entre os dias 9 e 10 de novembro.

Família e inconsciente. Com este tema, o Fórum Salvador da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano no Brasil desenvolveu um programa preparatório à IV Jornada do Fórum Salvador, que teve lugar em Salvador, entre os dias 09 e 10 de novembro e ao VIII Encontro Nacional, que teve lugar em Aracaju, entre os dias 15 e 17 de novembro.

Incidências do Outro na clínica. Com este tema, inaugurou-se a Seção Clínica do Campo Psicanalítico que tornou possível interrogar o saber que a experiência deposita.

ANALISE. Pesquisando na prática o discernimento entre a criança e o sujeito, os praticantes da Clínica Social de Orientação Psicanalítica também prepararam a V Jornada de ANALISE, que teve lugar em Salvador, entre os dias 9 e 10 de novembro.

E todo esse esforço, acrescido ainda dos cursos, cartéis, grupos de pesquisa e comentário de textos, resultou na coletânea AVATARES DO SUPEREU que doravante apresentamos ao leitor.

A coletânea do Campo Psicanalítico já é séria ou já faz série: 2002 – O saber do psicanalista, organizada por Jairo Gerbase; 2003 – O ato psicanalítico, organizada por Silvana Pessoa; 2004 – O sujeito da psicanálise, organizada por Sonia Magalhães; 2005 – A ética da psicanálise, organizada por Angélica Teixeira; 2006 – Angústia, organizada por Ida Freitas; 2007 – Modalidades do gozo, organizada por José Antonio Pereira da Silva, além do livro *Comédias familiares* de Jairo Gerbase, que se inscreve na mesma coleção.

Esta oitava coletânea do Campo Psicanalítico – AVATARES DO SUPEREU – é iniciada com a conferência de Dominique Fingermann sobre a Reação Terapêutica Negativa, que corresponde à abertura do programa (9/3/2007). Nesta oportunidade, Dominique autografou seu livro – *Por causa do pior* (co-autoria de Mauro Mendes Dias).

A hipótese principal sustentada nessa conferência é a de que a RTN,

que é um avatar clínico do supereu, decorre da eficácia da psicanálise, mas se *interpõe* como uma *opção moral*, opondo-se à *lógica* do tratamento analítico. Topar com esse incurável (pelo Outro) é prova da eficácia do Discurso do Analista que o produz. A Reação Terapêutica Negativa é uma reviravolta, para não topar com esta produção do incurável e voltar aos recursos necessários do gozo, evitando a contingência de novas fixões.

Ela é imediatamente seguida pela conferência de Jairo Gerbase sobre o boato do supereu, que corresponde ao encerramento da jornada (10/11/2007) e é uma tentativa de responder à pergunta número cinco, de “Televisão”, de Lacan. O autor se pergunta por que elegemos a família como culpada do sintoma neurótico e daí deduzimos que a causa do sintoma neurótico é a má educação, quando, na verdade, sabemos que o impasse sexual é o fato de que apenas um significante no inconsciente escreve os dois gozos e, deste modo, suscita as ficções amorosas?

Sonia Magalhães abre a rubrica SUPEREU E CULPA afirmando que estamos diante destes três termos fortes, pecado, sacrifício, crueldade, para que, mantendo no horizonte o tema do supereu, possamos enfocá-los recorrendo aos fundamentos da psicanálise. A teoria psicanalítica considera o sacrifício como inerente ao sujeito do inconsciente. O sacrifício que se pede ao sujeito é o sacrifício de seu gozo. É somente pelo fato da Lei que o pecado, *hamartia*, o que em grego quer dizer falta (*manque*), e não participação na Coisa, adquire um caráter desmesurado, hiperbólico.

Elaine Foguel nos diz que há mitos, entre os psicanalistas, sobre o *Projeto de 1895*; um deles é de que lá já se encontrava, em estado germinal, tudo o que Freud viria a construir ao longo dos 43 anos que se seguiram. Algo assim como se o leitor ali fizesse uma tradução simultânea do termo *neurônio* pelo termo *representação*, iria obter o *retrato* pronto e acabado da Metapsicologia. E aponta outras lendas sobre o Projeto de 1895.

Ana Emilia diz que há uma relação de parceria entre morte e culpa, que para Freud a morte é algo natural, inegável e inevitável, porém ninguém crê em sua própria morte, que, inconscientemente, estamos convencidos de nossa própria imortalidade. Entre outras questões, o que sempre atrai sua atenção, especialmente, é a culpa dos profissionais da saúde em relação à morte de seus pacientes.

Célia Fiamenghi está interessada em saber como manejar o

supereu na clínica. Responde que, de certa forma, a via de acesso ao manejo do supereu pode ser através da culpa, pois ela pode conduzir à responsabilidade subjetiva pelo gozo. Acredita que, a partir dela, o sujeito pode sustentar-se no simbólico, através da demanda ao Outro, e que aí o analista talvez possa operar.

Na rubrica seguinte – SUPEREU E IDENTIFICAÇÃO – Simey Soeiro pretende partir do conceito de identificação em Lacan, para em seguida buscar uma aproximação deste conceito com o conceito de supereu, tendo como base de discussão o fato de ambos estarem vinculados intrinsecamente à estrutura de linguagem, aos efeitos do significante. Não conclui seu artigo sem antes fazer uma breve discussão sobre o supereu e a identificação numa cultura de violência.

Vera Edington aborda a incidência do nome próprio para cada sujeito na clínica. Seu percurso consiste em articular o *A* que nomeia e o nomear-se do sujeito, a questão semântica entre nomeação e nominação, o traço unário e nome próprio e o nomear-se como sintoma.

Filiação e adoção é o tema de Vitória Cabral. A nova família lhe traz interrogações: famílias chefiadas por mulheres, famílias monoparentais, famílias de homossexuais que adotam filhos, exames de DNA que confirmam biologicamente uma paternidade e outras formações. Ela pensa que podemos concordar com a sabedoria imortal de Guimarães Rosa numa fala de Riobaldo que diz “qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura”.

Conceição Vita quer saber o significado que tem um filho para o casal parental e como este casal reage à irrupção de uma psicose na família, ou qual o efeito da psicose de um filho sobre um pai e uma mãe.

Aimée: supereu e causalidade psíquica, de Andréa Hortélio Fernandes, parte de uma releitura de um caso clínico clássico, apresentado, inicialmente, na tese de psiquiatria de Lacan, para tentar articular como, ao tratar a noção de supereu, ele começa a construir as bases para uma teoria da causalidade psíquica fundamentada na identificação.

Supereu, Ideal do eu e consciência moral, de Carlos Caires, começa por introduzir uma curta digressão sobre o termo avatar para em seguida expor sua idéias sobre o Ideal do eu, a consciência moral e, só depois deste trajeto, chegar ao termo que dá nome à instância do supereu: agente supervisor do eu. Em seu adendo final, afirma que, em relação ao supereu, o real tem nome, seja em Aristóteles, o supremo bem, ou

em Freud, *Das Ding*, que, operacionalizada pelo simbólico, passa de coisa coesa a causa do desejo no discurso.

Olga Sá Ferreira diz que o supereu abarca duas significações inconciliáveis: de um lado, “herdeiro do Complexo de Édipo”, regulador do desejo, estruturante do psiquismo e fator civilizatório, e, de outro, “imperativo de gozo”, com seu aspecto de excesso desregulador da dinâmica psíquica e de ruptura do laço social. Propõe que um deslocamento do conceito de supereu para o de identificação ao  $S_1$  e outras identificações secundárias responde melhor à questão considerada pelo supereu, a saber, a estruturação da realidade psíquica para o sujeito. Por fim, situa essas construções no trabalho freudiano “os arruinados pelo êxito”.

Juliana Campos, citando Lacan, diz que “a identificação é um bom título, mas não é um assunto cômodo”, pois pode dar a impressão de que “tudo está em tudo”. Durante todo texto, ele trata desse incomodo e ao invés de ampliar o conceito de identificação se atém ao seu rigor estrutural. E assim, delinea densamente as três dimensões da identificação: a imaginária, a simbólica e a real, sem em nenhum momento separá-las distintamente ou nomeá-las (apesar da vontade que sentimos de fazê-la). Neste sentido, as identificações (ou a identificação) não podem ser entendidas como categorias distintas e *standards*, a não ser para efeitos didáticos ou de compreensão.

A rubrica AVATARES DO SUPEREU é iniciada por Angélica Teixeira. Neste artigo, a autora recorre ao significante mestre ( $S_1$ ) e ao objeto *a* para abordar a definição lacaniana de supereu como imperativo de gozo. Toma como referência fundamental para abordar o supereu em Lacan, uma mudança de perspectiva que está posta em *Televisão*, em que este autor desenvolve interessante diálogo com o texto freudiano “O mal-estar na civilização”. O que está em jogo é a concepção de estrutura. O supereu, a castração, o sintoma e o recalque seriam resultantes da repressão engendrada pela família, pela civilização ou, ao contrário, a civilização, a família, a própria sociedade e o capitalismo seriam produzidos pelos efeitos do recalque, da castração, do supereu, operações significantes primordiais inerentes à estruturação da subjetividade?

Em Os avatares do supereu na clínica contemporânea, Aurélio Souza afirma que o *supereu*, embora tenha sido uma inovação da segunda tópica, Freud, de início, não sabia o que fazer com ele, pois nem mesmo o incluiu

no título, quando o inaugurou: *O Eu e o Isso*. Com Lacan, no entanto, esta *noção do supereu* não teve um percurso bem estabelecido em seu ensino. Ele chegou a afirmar que teria sido a única coisa de que nunca havia tratado. Após ter trazido estas questões iniciais sobre o *supereu*, o autor abre um pequeno parêntese sobre um elemento da psicanálise que mantém alguma relação com esta noção: o *sujeito*.

O cliente sem culpa e a culpa do analista, de Carlos Pinto Corrêa, quer se fixar na proposta da jornada que informa: “o retorno ao conceito do supereu, permitiu-nos estudar com atualidade, as manifestações clínicas, a exemplo da culpa, do sacrifício, da crueldade”. Ele diz que fugiu às evidências e se remeteu à não culpa do perverso e a uma questão clínica exemplar: os efeitos da ação perversa na cena social.

Que culpa tem o eu ou sobre os registros e modalidades da culpa, de Cibele Barbieri, trata da possibilidade da negação da culpa, mas, ao mesmo tempo, de sua afirmação, da necessidade de confirmar ou esclarecer de que tipo de culpa o sujeito quer se livrar. Este tom enigmático lhe inspira esta abordagem da questão da culpa, partindo da hipótese de que é possível situar topologicamente as modalidades da culpa e tentar relacioná-las aos registros do Real, Simbólico e Imaginário, utilizando o nó borromeano.

Supereu e RSI, de Marcus do Rio Teixeira, trata o supereu como um conceito que, na sua passagem da teoria de Freud à retomada efetuada por Lacan, nos coloca uma dificuldade adicional no seu manejo. Mesmo para aqueles que falam a partir de uma orientação lacaniana, o supereu parece se resumir a uma instância imaginária, introjeção da autoridade paterna, consciência moral, etc. Para o autor, numa fase final do ensino, o supereu parece ser assimilado ao significante-mestre,  $S_1$ . Sua intenção é abordar o supereu a partir da formulação lacaniana dos registros do real, simbólico e imaginário, visando localizar suas manifestações em cada um destes registros.

Crimes do supereu ou carência, impotência e deficiência do pai, de Véra Motta, está estruturado a partir do cruzamento recíproco de seu artigo anterior, “Crime e culpa”, dos filmes de Woody Allen Crimes e pecados e *Match Point*, do romance de Dostoiévski *Crime e castigo* e do artigo de Freud “Criminosos em consequência de um sentimento de culpa”. A autora procura retratar a trama urdida pela paixão no direito ao crime nessas obras, dialogando com a tese freudiana que é uma

subversão lógica do sintagma “crime e culpa”. Possivelmente, o ponto em comum destas obras é a presença do crime proveniente do supereu, cujo fundamento parece encontrar justamente a noção do pai, em suas variadas expressões.

Com o supereu reluta a perda da inocência, Clarice Gatto, enquanto inaugura a rubrica CLÍNICA DO SUPEREU, entrecruza um estudo iniciado em 1999 sobre o *sentimento de culpa* com a leitura recente da definição de “a criança é o sujeito que ainda não tem responsabilidade sobre seu gozo” e os significantes de uma analisante: “eu fui inocente”, “escuta só”. Estes três pontos organizaram sua questão: “o supereu reluta a perda da inocência?”

Masoquismo e supereu, de Ida Freitas, trata a repetição que se apresenta nos sintomas, em certos sonhos e na reação terapêutica negativa, como um elemento importante para a direção da análise. Ao mesmo tempo em que se mostra como um obstáculo ao avanço do discurso analítico, a repetição é também um orientador para o modo de gozar do inconsciente. Estas manifestações clínicas caracterizadas pelo desprazer foram essenciais para a maior reformulação da teoria freudiana, que introduziu a segunda tópica, assim como a nova teoria pulsional, com a formalização do conceito de pulsão de morte.

A culpa na melancolia, de Soraya Carvalho, é feito para compreender como a culpa se apresenta na melancolia, o que a convocou a pesquisar, separadamente, cada um desses conceitos dentro da teoria psicanalítica para só depois articulá-los com algumas reflexões elaboradas a partir da experiência com sujeitos que tentaram o suicídio.

Um objeto vociferador, de Jamile Abdala, propõe que Lacan passa da tese do autocastigo dos anos trinta à tese dos anos sessenta na qual o objeto *a*, resto da divisão subjetiva, uma voz sem suporte, não modulada, um objeto que se presentifica sem a possibilidade de metaforização, uma presença real, é o avatar do supereu.

Em efeitos da culpa na inibição, no sintoma e na angústia, José Antonio Pereira da Silva afirma que embora o supereu só tenha sido assim nomeado por Freud em “O ego e o id”, os fundamentos teóricos e clínicos do supereu já estavam esboçados em torno da trilogia originária: parricídio, culpa e punição, e depois foi entrelaçado à consciência moral, à expressão mais primitiva do supereu; afirma também que as raízes do supereu estão na vivência de satisfação e no desamparo inicial do

ser humano; e ainda afirma que a conjunção linguagem, desamparo e dependência configura a base do supereu; por fim, propõe que o sentimento de culpa é do registro do imaginário, mas também do simbólico, enquanto uma resposta do sujeito para cobrir a falta do Outro, e do real enquanto culpa suportada com sofrimento e com um a-mais de gozo, com pagamento sofrido da subjetividade.

Em masoquismo e reação terapêutica negativa, Ângela Diniz Costa diz que a RTN constitui um destes obstáculos ao êxito do tratamento analítico, eixo pessimista para alguns, mas, ao contrário, para Lacan há aí uma vertente clínica, que possibilita abordar esta enigmática tendência masoquista no final de análise. A autora também assegura que a RTN é uma manifestação subjetiva da pulsão de morte, sendo esta sua relação com o supereu.

A rubrica ANÁLISE, desta vez incorporada à coletânea, inicia com o complexo de Édipo de Freud a Lacan, de Christianni Matos. Segundo a autora, o complexo de Édipo, noção central na psicanálise, é sinônimo da existência das diferenças sexuais e da interdição do incesto a que está ligada. Embora Freud tenha dedicado poucos artigos específicos ao complexo de Édipo, este se acha presente em toda a sua obra, ou seja, desde 1897 até 1938.

O fracasso escolar é abordado por Thaine Araújo, ressaltando a vertente da subjetividade e da experiência clínica. O interesse do tema, segundo a autora, deriva do fato de que, na clínica com crianças, uma quantidade considerável delas é trazida para a experiência psicanalítica por conta de queixas relacionadas à escola, seja pelo comportamento considerado inadequado ou pela dificuldade de se apropriar da linguagem escrita.

Flávio Câmara tenta, em seu artigo, responder algumas perguntas: Há constituição do sujeito na psicose? Será que podemos afirmar que na psicose o sujeito está foracluído? Em que momento se pode dizer que houve a efetuação de uma estrutura psicótica? Será suficiente afirmar que na psicose não há a constituição do sujeito? Ele crê que, para responder estas perguntas, é preciso ir mais além da pergunta, isto é, examinar, primeiramente, o conceito de sujeito em Lacan.

O artigo de Caroline Mata é escrito na perspectiva de pensar a função do analista no dispositivo da clínica com o bebê. Segundo a autora, é preciso apontar as especificações que caracterizam este atendimento: o



outro semelhante participa deste tratamento; na clínica psicanalítica se escuta o sujeito do inconsciente; o bebê não fala, mas faz apelos, através do grito, choro, balbucios e olhares, que repercutem em um outro que fala; o outro se vê convocado a decodificar, a interpretar o que se passa com o *infans*; o bebê vem ao atendimento acompanhado de um outro que vai falar sobre ele; logo, o bebê está inserido na linguagem quando é falado.

Alba Aguiar trata de um caso sobre a escolha que o sujeito faz no campo da sexualidade e os embaraços que podem advir desta escolha. Trata-se de alguém que se nomeia homossexual, embora não tenha exercido de fato a homossexualidade. Verifica no caso a relação de uma experiência de abuso sexual com o embaraço com a escolha sexual.

Manoela Jatobá aborda um caso clínico de uma adolescente que escarifica seu corpo. A autora se pergunta se a escarificação é uma forma da histeria na contemporaneidade.

Gérson Pereira propõe que o ciúme pode ser tomado como uma incidência do Outro na clínica, na medida em que o sujeito repete em ato uma identificação, um dito ou ato do Outro que determina seu discurso e, em conseqüência, a posição do sujeito na realidade.

Esperamos que o leitor encontre aqui a ocasião para uma boa leitura.